

43 de janeiro de 1889.

Caríssimo Brasi.

Chegou-me a tua carta de 8. É verdade o que dizes. A ti, que possúes tanta alma, tanto espirito e tanta arte, te deve fatigar, ennojar decerto profundamente, como a mim esta terra obtusa e triste em que vivo e em que desespero, mas em que nascemos, ~~essa~~ ^{essa} corte, em que estás agora, pobre, incomprehendido e sem posição; essa corte de chatos, de safadismo, lusso p^{ro}prio e massa sebácea, onde muita gente suppõe saber andar, ler, escrever, correr, vestir e viver bem, mal sabendo entrar n'uma cocheira, sentar-se á latrina, ou phrasear com a mais rúes fêmea portugueza da rua de S. Jorge, encarcassada, chagada, immundia. A corte é uma procilga, comparada com Londres, com Paris, com Berlim, e, para mais miséria, ~~tem~~ ^{tem} com feorenta Lisboa, que o braço heineaua e poderosamente ~~fulminante~~ ^{fulminante} no formidavel e incomparavel livro dos Obaias, ^{uma das} maiores construcções litterarias deste Século. Desejava poder ^{ter contigo} vir por aqui vi fora, com cousas erquidas e fortes, na égua luminosa e louca da Originalidade. Mas, não posso. O desespero terrivel da Santa Amada ausente, me enche todo de desasocção e molestia. Sou um verdadeiro doente. Prostra-me uma grande e soberana tristeza... Talvez Pöe, que era um nervótico do Espirito, um medonho galé

da dor, com a mulher desfalecida, regelada
e fúndida nos braços, negrurando-lhe pa-
tudo o sempre o céu da Ventura e do sol,
não se achasse mais convulsivamente reben-
tado e morto ^{em suas} fibras intimas que eu,
que jazo hoje, ~~leão~~ vivante, n'uma tro-
viscosa e abysmante viuvez de affeições. Não
falo das affeições da Família, nem das que
me arrojaram a ti, ao Oscar, ao Jann-
Prosa, ao Lostada, ao Horacio, que são as
mais santas, as mais infalháveis e eternas,
sem serem, entretanto, e por isso mesmo, as
mais violentas, as mais desordenadas, as
mais lisantes e estonteadoramente vorases, que che-
gam a quebrar faiscas ~~no~~ peito e no
~~alma~~ essas, eu sinto-as, sinto-as
vigorosamente, alentando, enseivando, e enflor-
cendo, ~~como as grandes raizes~~ de um roble,
a nova, ~~planta~~, mas ^{já} quasi gasta e
agitada arvore do meu organismo de rapaz,
que, agora, um vendaval frigidido de praição
sacode e cresta. Mas, falo das outras, das
que tu já conheces, das que me faziam nas-
cer sóes no peito e mundos de esperança que
rolavam muito alto nos Sonhos, nos Alegrias,
nas flôres e na luz de ouro infinita do
céu. Falo das affeições que, com o meu sangue,
o meu talento e os meus nervos, fizéram um
tecido de aurora que envolveu o meu coração,

fundindo-o, quem sabe! Talvez para sempre
ao coração virginal de uma mulher que, pela pri-
meira vez, amou e cantou e germeu e chorou
comnigo.... Ah Lilly levou o meu coração, le-
vou-o, felizmente, ou infelizmente, talvez; mas,
levou-o, porque eu não sinto mais palpar
no Ideal, na Phantasia e na Luz! Sinto-o,
apenas, com indifferença e tédio, na pancada
da estúpida de relógio da Vida, na pancada
regular da Matéria Organica que aspira, na
pancada vigilante da lama humana que
sente e só descontinua na Morte! O
mais, não! O mais, parou... É tanto que
já não posso, como antes, nem poderei
jamais, sentir e ver sumir-se e apagar-
se, a todo o momento, com induradoura
tristeza, na extinção da ~~luz~~ Luz, por
estes meus annos de mocidade fremente, os astros
de amor que juncavam outr'ora o meu vi-
ver, e que ao desapparecerem pareciam le-
var nos seus raios toda a minha alegria e
saude, mas que d'ahi a pouco resurgiam
mais claros, radiantes e doces que os
outros, e que também, ~~na~~ ^{em} seu turno,
morriam. E assim era eu ~~um~~ ^{um} alegre,
um são, ~~um~~ ^{um} feliz. Hoje não! Hoje sou
um doente, e só tenho um grande vazio
no peito, de onde não sae mais nada,
não ~~porque~~ ^{porque} mais nada, e em cuja negra vas-

todas lamentosas ~~para~~ e lugubregamente, o corvo da
 saudade esvoaca e crucita: Quever more!
Quever more! ' E é tudo isso que me
 allua, e que contra a terra me abate,
 sae-me, ressaltando no alto, o pavor
 sinistro do perdimento da força mental
 creadora, que me parece agora estiola-
 da e fallecida... A esterilidade bateu-
 me, venceu-me como ^{um} ~~o~~ russo que
 atira uma lançada a um peito. Não
 produzo mais, não colho mais, não
 semeio mais, porque não nasce. Pes-
 sou o veio crystallino do espirito.
 Agora procuro o dinheiro, exploro as
 jazidas de ouro... Rico, rico é o que
 eu quero ser!... Mas, olho p'ra ti, be-
 o mil vezes as tuas cartas, e... choro,
 choro desmorteadamente. E vêm-me
 idéas visões sinistras, o pensamento, talvez
 bem certo, de que nunca seremos nada,
 nunca! ' E effectivamente eu, tu, o Lostado,
 o Oscar e o Horacio o que veremos a
 ser no futuro, neste paiz torpissimo
 das nullidades, da farinha de pau e
 das ~~bananas~~. E mesmo no mundo o
 que vale a intelligencia? O que valem
 Tola e Boca, si são ~~ainda~~ contestados por
 duas terças partes dos povos...

Adeus. Abraços viris.

P.S. - Escreve-me sempre, sempre
 e não me deixes morrer agora, tu já só sabes fazer Virgilio Varsea.